

# Bibliotecas e serviços de documentação — porquê automatizar

A introdução de processos automáticos, nas mais diversas actividades, tem levado a que se comecem a estender estes às Bibliotecas e Serviços de Documentação.

O diálogo entre informáticos, bibliotecários e documentalistas estabelece-se então, apesar de por vezes se considerar satisfatória a simples transferência dos sistemas manuais para computador.

Há pois que salvaguardar experiências negativas neste domínio, partindo duma análise das dificuldades que possam vir a surgir num futuro próximo, como sejam:

- aumento da informação a ser processada e armazenada
- crescimento dos pedidos, oriundos duma população cada vez maior
- aparecimento de novos materiais que não podem ser tratados por métodos tradicionais

as quais, se não forem acauteladas, poderão gerar custos de serviço incompatíveis em face da escassez duma economia em crise.

A automatização deverá então e antes de mais levar ao repensar de todo o esquema de funcionamento do sistema actual.

Hábitos estabelecidos há anos, ou rotinas pouco testadas deverão ser reavaliadas para se poder determinar em que medida contribuem para o funcionamento global. Esta análise de processos, tarefas e estrutura geral da organização terá obrigatoriamente de anteceder qualquer decisão sobre automatização, numa perfeita simbiose entre a Informática, as Bibliotecas e os Serviços de Documentação.

Dentro duma perspectiva global, poder-se-ão abordar as fases da cadeia documental — Selecção, Tratamento e Difusão como forma de sistematização das diversas «aplicações» a conceber.

A fase de selecção é em grande parte preenchida pelas tarefas de aquisição de livros e publicações periódicas, em que o controle da situação dos pedidos de aquisição, a insistência junto dos editores e a elaboração de listagens contabilísticas são algumas das funções a ter em conta.

O tratamento de toda a documentação com vista à sua recuperação por meios automáticos — as tão faladas Bases de Dados Documentais — constitue outra área importante a automatizar.

Finalmente, os empréstimos, com o controle permanente de prazos de devolução, pela alta rotatividade de documentos que envolve, justificam também uma atenção particular na introdução de meios automáticos.

Ao especificar todas estas «aplicações», pretende-se não esquecer umas em favor das outras nem os dados que sendo «output» dum processamento constituem o «input» do seguinte, o que na falta de compatibilidade entre os mesmos poderá implicar nova recolha de dados.

O aparecimento e generalização dos microcomputadores veio entretanto permitir uma utilização destes, em serviços que dificilmente poderiam conseguir o acesso a grandes computadores. É para além dos «programas» estritamente documentais será bom recordar o muito que tais equipamentos poderão ainda fazer: processamento de texto, edição de etiquetas, elaboração de estatísticas, etc.

Estamos pois no limiar duma nova fase das Bibliotecas e Serviços de Documentação que em Portugal tão pouca atenção têm merecido.

Agora que se fala insistentemente na «Terceira vaga» e em que mutações tecnológicas importantes se estão a viver, o acesso à Informação Científica e Técnica torna-se cada vez mais importante e necessário.

O crescimento do número de documentos editados e a sua pesquisa rápida leva à utilização intensiva de Bases de Dados Documentais.

Em Portugal, onde já uma boa quantidade de investigadores desenvolvem uma actividade importante no domínio da I & D não existe no entanto qualquer Base de Dados que possa reflectir o muito que se vem produzindo neste campo. Esta falta dum Sistema Nacional de Informação aumenta assim ainda mais a nossa dependência externa num domínio vital — o conhecimento.

Avançar na automatização das Bibliotecas e Serviços de Documentação e na criação duma Rede Partilhada de Informação Científica e Técnica é pois o desafio que a Informática apresenta a todos os que pretendem uma maior evolução nacional.

RAFAEL ANTÓNIO